

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

GUIMARÃES 2012. CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA.

MARTINS, Manuel

Ano: 2014-2015 | Número: 124-125

Como citar este documento:

MARTINS, Manuel, Guimarães 2012. Capital Europeia da Cultura. *Revista de Guimarães*, 124-125 Jan.-Dez. 2014-2015, p. 75-80.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

GUIMARÃES CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA 2012

Manuel Martins¹

A cidade, o concelho, a população receberam com especial satisfação a sua designação para CEC 2012.

Tinham considerado com naturalidade a candidatura a CEC: há muito que o Centro Histórico de Guimarães era qualificado com muito relevo, por estar bem preservado e habitado. Em 2001 a UNESCO juntou-nos à lista distinta de Património da Humanidade. Há muito, também, que a actividade cultural se foi consolidando e alargando, primeiro por iniciativas de associações culturais depois, também, com a criação dos serviços culturais do Município. Era conhecida a qualidade de muitos eventos; era reconhecido que o conjunto da actividade cultural e dos públicos participantes, era excepcional para a dimensão da cidade que somos.

Isto é, celebrámos devidamente a atribuição de CEC 2012 mas não foi nenhuma surpresa.

Com percalços, faltas e erros o percurso de preparação para 2012 foi feito, envolvendo Associações da cidade e do concelho, culturais e recreativas, pequenos e grandes comerciantes e industriais, milhares de cidadãos e famílias.

As obras no centro urbano afectaram o dia-a-dia do comércio e dos transeuntes, agradaram a uns mais do que a outros; no final estávamos preparados para receber milhares e milhares de visitantes. Os equipamentos previstos, em parte, também estavam concluídos.

¹ Membro do Conselho Geral da Fundação Cidade de Guimarães, em representação da ACIG, de que era Vice-Presidente. Actual Presidente da Direcção da ACIG.

Os números, da Fundação Cidade de Guimarães e da Câmara Municipal de Guimarães, são impressionantes: 2 milhões de visitantes, 85 horas de emissões televisivas; 1.200 notícias em órgãos de comunicação social estrangeira e cerca de 20.000 em comunicação social nacional. Foram recebidas 100 delegações estrangeiras e 1.000 individualidades.

Os 2.000 eventos realizados, ao longo do ano, tiveram dimensão, escala e importância diferentes; o balanço geral foi positivo e houve algumas dezenas que foram excepcionais, arrastaram multidões e causaram emoção e orgulho a muitos vimaranenses.

O envolvimento da Associação Comercial e Industrial de Guimarães

O envolvimento da ACIG na preparação e desenvolvimento da CEC justificava-se por múltiplas razões, nomeadamente pelos valores identitários que a Programação devia, também, reflectir, alguns dos quais a ACIG especificamente representa enquanto Associação Empresarial e, por isso, representante essencial do sector económico.

As actividades culturais têm sempre, mais ou menos, repercussões económicas; ser Capital Europeia da Cultura, durante um ano, teria consequências importantes. Além do mais, o Caderno de Encargos da União Europeia impunha que a programação e enquadramento do Evento considerassem os aspectos económicos.

Mas a composição inicial do Conselho Geral da Fundação Cidade de Guimarães não incluía qualquer representante da ACIG:

Fomos o primeiro membro cooptado, na sequência de reunião, por nós solicitada, com a Presidente da Fundação. Nessa reunião (em 2009) entregámos breve dossiê contendo características, identidades principais e objectivos estratégicos de Guimarães, na perspectiva da ACIG, sugestões para investimento em equipamentos, infra-estruturas e propostas de actividades / programação.

A nossa inclusão no Conselho Geral não foi nossa solicitação.

Das nossas 20 sugestões, nem uma acabou por ter acolhimento; sendo que, quase todas, se aceites e concretizadas, constituiriam “legado CEC/2012”, porque propúnhamos actividades para terem continuidade.

Mas, como era dever da ACIG, o nosso envolvimento com a Fundação Cidade de Guimarães / CEC, foi sem reservas e de colaboração total.

Os Relatórios de Actividade da ACIG de 2009, 2010, 2011 e 2012 discriminam o empenhamento: fomos responsáveis principais pela maciça adesão dos comerciantes, recebemos na nossa sede 3 Exposições – nomeadamente uma de Pistoletto; e a apresentação do livro “Paixão pelas Origens” sobre Alberto Sampaio, nosso 1º Sócio Honorário.

Colaborámos especialmente no livro “Eu Sou Guimarães” e na recolha preparatória da Exposição “Edifícios e Vestígios”; também na área de património, fomos responsáveis pela concepção e concretização de 8 filmes sobre “Comércio Tradicional e Património Industrial”.

Colaborámos ainda em outros projectos mais ligados a objectivos mais imediatos da ACIG, nomeadamente em formulação de projectos de investimentos e dinamização de espaços comerciais.

A necessidade de um balanço

Mesmo considerando que o orçamento total aprovado para o evento (111 M€) foi demasiado distante do que foi aprovado para o Porto – CEC 2001 (mais de 400 M€), o financiamento gasto entre “obras” (cerca de 70 M€) e programação (40 M€), foi muito elevado.

Julgo que, em Programação, só se terão gasto, por cortes, cerca de 25 M€. Se foi assim isto significaria uma redução, face à previsão inicial, de quase 40%.

Se assim foi, isso abalaria, muito, a concepção, a coerência e a ambição com que a Programação tenha sido pensada.

Só isto, em meu entender, seria uma forte razão para que seja feita uma detalhada análise a tudo quanto se programou, quanto se concretizou, quanto se gastou.

Saber quanto se gastou área a área, evento a evento, actividade a actividade.

O mesmo sobre o investimento urbano. Gastaram-se mesmo 70 M€? Em que obras e quanto, obra a obra?

A área do Pensamento terá tido uma grande ambição inicial. Muitos nomes de impacto nacional (até internacional) foram falados e alguns

cidadãos de especial mérito, senadores nacionais, faziam até parte do Conselho Geral (Eduardo Lourenço e Adriano Moreira, p. ex.).

Mas, parece-me, que nesta área não se fez muito, nem teve relevância especial.

Um balanço com detalhe à CEC 2012 iria permitir saber com que preocupação as realizações mais significativas foram projectadas / contratualizadas no sentido de deixarem legados, nomeadamente legados materiais.

Há um legado – edições impressas e filmes – com muitas dezenas de títulos, com autores de qualidade reconhecida e portanto são obras de segura importância.

A justificação de um balanço tem cabimento porque haverá outros legados de que se pode tirar ainda melhor proveito; não se pretende encontrar nem protagonistas nem culpados.

Algumas análises já foram feitas. Por exemplo como é dito no livro “O Legado de Guimarães CEC 2012”, de J. Cadima e Paula Remoaldo, “Fica aqui espaço para muito mais debate, sendo certo que o que foi feito está feito, pelo que importa agora, sobretudo, olhar para a herança e geri-la da melhor forma e, adicionalmente, tirar daí ensinamento para projetos futuros.”

O Legado

A avaliação de qualquer grande evento mede-se também pelo seu legado. No caso de um capital europeia de cultura, nomeadamente o caso de Guimarães, devemos avaliá-la muito principalmente pelo seu legado – material e imaterial.

Ficaram as obras no centro urbano: umas mais controversas que outras, mas positivas na generalidade.

Equipamentos – o CIAJG – Centro Internacional das Artes José de Guimarães, a Casa da Memória, o Laboratório da Paisagem, o Palacete da Praça de S. Tiago – Extensão do Museu de Alberto Sampaio. À parte o Laboratório da Paisagem, que parece passará a ter uma função de ligação à Universidade do Minho, os restantes reforçam a oferta de equipamentos museológicos e expositivos que a cidade já tinha, em número e qualidade acima da sua dimensão como cidade.

Aparentemente, estamos em “sobre-oferta” e, por isso, o que temos deve ser sustentado numa oferta conjugada / coordenada, nomeadamente de Exposições Temporárias. Envolvendo sistematicamente instituições, associações, escolas, buscando mais públicos.

É preciso alargar públicos residentes e visitantes, aumentar receitas e ganhos sociais. Trabalho por iniciar, pelo menos que seja de conhecimento público.

Não posso deixar de referir a incompreensão geral quanto ao património industrial: na Programação Geral houve raras excepções; quanto a legado, que saibamos, ficou nada.

O volume de edições, livros e filmes, como já referido, foi significativo e justifica um Plano para a sua divulgação, conhecimento e usufruto.

Quanto a eventos culturais os que existem são, quase completamente, os que já tínhamos. Se avalio bem a “Fábrica das Associações”, que poderia ser importante, não entrou em laboração...

Se aumentámos público para eventos culturais, talvez a estatística do Centro Cultural Vila Flor o confirme, mas não o número de visitantes à Casa da Memória e ao CIAJG.

Tivemos notoriedade nacional e no exterior, durante 2012; esperamos que continue o aumento de visitantes que temos tido, de ano para ano. Faltar-nos-á uma estratégia para aumentar o tempo e permanência com pernoita.

Há um legado que não aplaudo: a troca do logo do município, que era um logótipo premiado, de designer reconhecido, pelo logo indistinto do “coração” da CEC. Faço coro pela reversão.

A CEC 2012 e a Sede da Sociedade Martins Sarmento

O Edifício-sede da Sociedade Martins Sarmento, obra do arquitecto Marques da Silva, foi inaugurado há mais de 100 anos e completado em 1967; por isso, o seu uso e a qualidade do seu uso, têm as limitações inerentes.

As principais terão a ver com a falta de climatização e o desconforto que daí decorre, para quem visita o Museu e frequenta as suas actividades e para quem lá trabalha. A falta de climatização implica também que

o seu importante espólio não esteja, talvez, conservado nas condições tecnicamente recomendáveis.

Climatizar o edifício da SMS trará a dificuldade de encontrar espaço e forma para instalar equipamentos e tubagens, de forma adequada.

Para além da situação não satisfatória pelos inexistentes isolamentos térmico e acústico, haverá ainda uma carência, certamente cada vez mais relevante, que tem a ver com a falta de espaços – quer simplesmente para reservas, quer para ampliação da sua importante biblioteca, quer para acomodar convenientemente as múltiplas actividades da SMS.

Ora, a Câmara Municipal de Guimarães, no âmbito da CEC, fez uma profunda intervenção no edifício e espaço do antigo Mercado Municipal. Foi construído um novo edifício, de grandes dimensões, que implicou se fizessem escavações de milhares de m³.

A SMS é a instituição privada mais pública de Guimarães e tem todas as razões para se sentir fruto exclusivo da sociedade civil vimaranense.

Provavelmente como nenhuma outra, em toda a sua longa vida se importou, activamente, com a educação, a economia e a cultura em Guimarães e com a conservação e valorização do seu riquíssimo património, espólios e sítios arqueológicos.

Não haverá nenhuma instituição de Guimarães tão querida pela população.

Por isso, ninguém questionaria se, no âmbito da CEC, tivessem sido intervencionadas as instalações da SMS, pelas necessidades objectivas que existiam (e existem) e pela oportunidade única de intervenção simultânea com a realização da obra da Plataforma das Artes e da Criatividade.

A SMS além da sua importância histórica e simbólica, para todos nós, é também estrategicamente necessária a Guimarães. Nenhuma outra pode ambicionar congregar (e representar) as elites de Guimarães.

Foi, por isso, uma oportunidade perdida, para resolver uma necessidade conhecida.